

Maicon Araújo dos Santos

maiconservo@gmail.com

Licenciado em Letras (2004) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); especialista em Ensino de Literatura Brasileira (2007) pela mesma universidade; mestre (2012) e doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professor da UECE.

Resumo:

A narração de experiências traumáticas tensiona os limites entre memória e linguagem. A possibilidade de representar o que aconteceu é dissipada na memória estilhaçada, e malograda na tentativa de representar-se em linguagem. O sujeito que viveu experiências de choque tem sua subjetividade constantemente questionada em suas certezas, quando estas são invadidas pelas lembranças involuntárias que surgem com todo o peso do vivido. Desse modo, essa subjetividade em devir funda-se em uma memória que é feita de puro rastro, reminiscência, que ressurge no presente, este então abalado pela força do passado que se inaugura de novo. A verdade do passado se confunde com a abertura do presente nos dramas pessoais experienciados. É o que se vê na narrativa de *Exortação aos crocodilos* (1999), romance de António Lobo Antunes, em que os fatos são apresentados nesse momento de limiar do acontecimento, que é todo o acontecer. O sentido que se fala está nesse movimento. Daí o acontecimento, junto à linguagem, permanecer em um processo de constante abertura: a força da experiência presente alterando as lembranças do passado, refazendo estas na linguagem que é fala que falha e está a dizer.

Palavras-chave: Memória; Linguagem; Narrativa.

Memórias e escrituras que fal(h)am em *Exortação aos Crocodilos*

Memories and scriptures that speak (fail) in “Exortação aos Crocodilos”

Abstract:

The narration of traumatic experiences tightens the boundaries between memory and language. The ability to represent what happened is dissipated in the shattered memory, and unsuccessful in trying to represent in language. The man who lived shock experiences has its subjectivity constantly challenged in their certainties, when they are invaded by involuntary memories that come with the full weight of the lived. This way, this subjectivity in becoming is based on a memory that is made of pure trail, throwback, which reappears in the present time, this so shaken by the force of the past that opens again. The truth of the past is intertwined with the opening of the present in the experienced personal tragedies. This is what we see in the narrative *Exortação aos crocodilos* (1999), a novel by António Lobo Antunes, in which the facts are presented at the moment of occurrence of the threshold, that's all happening. The meaning it talks is this movement. Hence the event, along with language, remain in a constant process of opening: the strength of this experience by changing the memories of the past, retracing these in language that is speak that fail and is to say.

Keywords: Memory; Language; Narrative.

I n t r o d u ç ã o

Um passo em falso

Em *Exortação aos crocodilos*, romance de António Lobo Antunes de 1999, a narrativa é um passo em falso. Muito menos que uma história, configura-se como um projeto de narrar, que falha sempre em estratégias linguísticas imprecisas e insuficientes: a

linguagem é incapaz de dizer essa coisa que é tecida pelas lembranças das subjetividades, das personagens. O romance está no divã, e dele saem múltiplas vozes que se confundem e gaguejam um quase-enredo, uma quase-história, que estamos a seguir a esperar...

Uma colcha de retalhos em que as costuras não se sustentam, está cheia de buracos através dos quais sondamos, suspeitamos, angustiadamente, uma resposta à pergunta que funda toda narrativa: “O que aconteceu?”. Esses retalhos são as sensações, que, revividas pelas *personas*, são acrescidas de uma emoção e de um desejo potencialmente novos que redimensionam a verdade da memória, e fazem do que aconteceu algo incerto, questionável, desestabilizando as possibilidades da verdade da linguagem e desfazendo os limites entre o que é passado e o que é presente.

Tinha sonhado com a minha avó e ao chegar à janela antes da manhã, atravessan-



Imagem 1 – Capa do livro “Exortação aos Crocodilos”, de António Lobo Nunes, pela Editora Dom Quixote, de Lisboa (1999).

do os móveis sem tocar no soalho como se continuasse a dormir (o corpo era a sombra do meu corpo movendo-se sem peso nos chinelos porque o corpo verdadeiro permanecia na cama, nesta cama ou em Coimbra há muitos anos, perto dos salgueiros altos, a eu crescida observado a eu pequena ou a eu pequena observando a eu crescida, não sei) (ANTUNES, 1999, p. 7).

Essa é a cena inicial do romance. Ele começa com um notório jogo de verbos em diferentes tempos e modos. Delineia-se, desde aí, o recurso da conjugação (e confusão) das temporalidades, manifesta em linguagem, reveladora da fragmentação e da fragilidade das subjetividades que ocupam o lugar das personagens nesse livro. A incerteza do que aconteceu tem sua origem nessas subjetividades que estão no limite do ser e do não-ser. Elas são um acontecimento, esvaziado, no entanto, de toda a potência do acontecer, restando, daí, apenas a possibilidade de lembrar.

Traço de semelhança entre as personas do livro, a memória é o que possibilita algum viver (e algum morrer) à Mimi, à Fátima, à Celina e à Simone. Estão presas àquela como a uma tábua de salvação, como o que possibilita o ser.

Facultar à memória a condição de viver e de ser está além de nostalgia: é fazer do passado o presente e o condicionante de todo o futuro possível.

De fato, a dominância do instante promove uma diluição das temporalidades dos fatos: tudo acontece no agora, ao qual vão sendo integrados ao longo dos capítulos os lapsos de memória das quatro mulheres que protagonizam a narrativa. É o mesmo agora que vai se redefinindo pelas lembranças de cada subjetividade em devir. Como num quadro cubista, a cena é uma só, reaberta, no entanto, sob um novo ângulo a cada devaneio, a cada espasmo de memória, refazendo a visão, tornando o mesmo diferente. Todo o acontecimento já está dado; o que vai se nos desvelando são as nuances, as sugestões de detalhes, sempre envolvidas na brumacidade das lembranças em que não se confia, dado que oriundas de subjetividades profundamente incertas de si próprias, desconfiadas de si mesmas.

Não há, assim, progressão textual. O que há é uma circularidade em torno de um acontecido que se repete: o mesmo, que, repetido, nunca é o mes-

mo, porque se faz na intempestividade própria da linguagem literária. Assim, a explosão narrada por Mimi é a mesma que narram as outras mulheres, e nunca é a mesma dita por elas, pois são vozes distintas, subjetividades em carência de si mesmas, e nisso semelhantes, que, no entanto, transformadas em linguagem, são sempre outras.

Isso se manifesta em texto nas expressões que se repetem diferenciando-se sempre pelo acréscimo de um novo termo, um novo sintagma, o novo que abala a estrutura linguística, refazendo o dito, re-dizendo, re-definindo as coisas e os seres. É linguagem sobre linguagem num movimento gaguejante, em que se repete sempre o mesmo esforçando-se por crescer a este um termo seguinte que lhe dê sentido.

[...] fosse um tique, não um chamamento, qualquer coisa que a boca sabe de cor ignorando que o sabe, intitulavam meu pai a um conjunto de parcelas desconexas contradizendo-se, anulando-se, estranhando-se e onde o termo

- Filha

não passava do resultado de uma combustão de acaso, de tempos a tempos a maçã de adão saltava para diante após uma colher de sopa e fechava-se numa contracção inesperada, a pupila redonda amortecia por instantes e tornava a crescer, a minha mãe resplandecendo alegrias de vitória

- Engoliu

apressava-se a teimar no caldo julgando obter o consentimento de pedaços do meu pai (e que não eram o meu pai mas fragmentos de estranhos que alguém reuniu ao acaso, não podia ser meu pai dado que o meu pai nunca dizia

- Filha

dizia

- Eh

dizia

- Tu aí

dizia

- Simone

no caso de me pedir dinheiro emprestado ou encontrá-lo a rondar-me as gavetas e mesmo assim o

- Simone

não significava

- Simone

significava

- O que fazes aqui vai-te embora some-te da vista (ANTUNES, 1999, p. 268-269).

É um jogo do dizer que arquiteta um discurso em devir e apresenta uma realidade contingente, em constante mutação, impossível de ser logicamente estabelecida. Porque, aqui, a realidade é a subjetividade de sujeitos indefinidos e indefiníveis que se fazem linguagem em processo de elaboração de si própria.

As partes desconexas do sujeito desconectam a linguagem racional. O

que se escuta, então, é uma fala doentia, esquizofrênica, que não sabe de si mesma e, por isso mesmo, não pode significar, fixar um signo, ou um sentido. Fica-se em um regime de signos:

Os signos emitem signos uns para os outros. Não se trata ainda de saber o que tal signo significa, mas a que outros signos remete, que outros signos a ele se acrescentam, para formar uma rede sem começo nem fim que projeta sua sombra sobre um *continuum* amorfo atmosférico. É esse *continuum* amorfo que representa, por enquanto, o papel de “significado”, mas ele não para de deslizar sob o significante para o qual serve apenas de meio ou de muro: todos os conteúdos vêm dissolver nele suas formas próprias. Atmosferização ou mundanização dos conteúdos. Abstrai-se, então, o conteúdo (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 62).

O acontecimento de linguagem que é *Exortação aos crocodilos* desfaz a noção clássica de signo linguístico, apontando ao longo de todo o livro que o sentido não está no dito, mas no fluxo do dizer. É na dinâmica do signo que se delinea a possibilidade de um significar. À clássica pergunta acerca do significado do texto ou do livro responde-se com o significante, com o que é possível referir-se a. O que quer dizer o livro está a dizer (e a ser dito)

em cada texto que o forma sem, no entanto, dizê-lo definitivamente.

Nesse sentido, não há sentido. O que há é uma significância ilimitada, que acaba por constituir um meio em que os conteúdos dos signos se dissolvem, destituindo-se de suas formas próprias, (f)ato que implica uma dessignificação do signo, que o torna impotente em si mesmo, precisando, a partir disso, remeter-se a outro signo, e este a outro e assim *ad infinitum*.

O signo não significa. Ele sinaliza, aponta. Por isso o que a fala fala não é exatamente o que ela diz. A fala fala: nesse trabalho está todo o significado. Na ação da linguagem, no movimento das palavras é que se promove um acesso ao significar. Uma fala difícil, que força as palavras a um limite agramatical¹, condição mesma para fazer a poesia acontecer em texto.

Essa fala difícil é que promove uma

¹ A linguagem empurrada a seu limite, acaba por evitar o significante como princípio de entrada do processo de significação. O agramatical tende ao assignificante, problematiza essa condição de primazia no estabelecimento de uma referência lógica e inteligível, circunstancialmente dominante, que privilegia na linguagem o significante. No lugar disso, tem-se uma dinâmica de reterritorializações e desterritorializações do desejo, o que, segundo Deleuze, promove o “rachar das palavras”, abrindo o signo a ressignificar no movimento intempestivo e circular do signo na linguagem.

vibração na estrutura da linguagem literária que é, por isso, criadora, abre o processo de significância, e este permanece. Inicia-se uma errância da linguagem em que as palavras são indícios de uma inconstância, de uma incerteza. Por isso elas não podem também ser estruturadas, bem acabadas, com um significante e um significado bem definidos. As palavras só podem ser também, estrutural e semanticamente, imprecisas. Daí os termos em decomposição no texto antuniano. As palavras não se sustentam (- Como carregariam assim um significado?). Rapidamente elas entram em processo de desmontagem, incompletude, recorte e deformação. É um processo de abertura só. E errância...

Como na fala psicanalítica, em que se fala o que ninguém sabe (Cf. FREUD, 1974), a fala, no romance, é permitida pelo não-saber. A ausência de pensamento, de (cons)ciência é que possibilita essa fala reveladora e criadora, que diz no fazer da linguagem. O não-pensar abre espaço para a manifestação do desejo, a força impulsionadora do falar. Fala livre, que revela nas falhas, no limite do que é dito e do que se quer

ocultar. Nesse ponto, a fala está à beira do desastre. E força uma passagem. Acaba falando a partir da resistência do silêncio que se quer sobrepor. O que se tem nas palavras são restos desse silêncio.

Na verdade, preferir-se-ia não falar, à maneira de *Bartleby*². As experiências de choque ou traumáticas abalam e desconcertam a razão, o pensamento. Não há como dizê-las. Prefere-se não dizê-las. Prefere-se não. Mas quando se força a fala de tais experiências, o que resulta é uma fala selvagem, sem limites, inaugural, a fala do acontecimento.

Através das significações abolidas e das designações perdidas, o vazio é o lugar do sentido ou do acontecimento que se compõem com o seu próprio não-senso, lá onde não há mais lugar a não ser o lugar. O vazio é ele próprio o elemento paradoxal, o não-senso da superfície, o ponto aleatório sempre deslocado de onde jorra o acontecimento como sentido (DELEUZE, 2007, p. 139-140).

O vazio é o lugar do infinito da linguagem. É esse momento de limiar do acontecimento que é todo o acontecer. Porque este não se efetiva, não se conclui, mas está a fazer-se, reverbe-

² Faz-se referência ao conto-novela *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville.

rando na intempestividade da significância da linguagem. O sentido está nesse movimento. Daí o acontecimento, junto à linguagem, permanecer em um processo de constante abertura. As quatro mulheres do romance participam do mesmo ocorrido. Estão no mesmo acontecer que se inaugura a cada fala de uma delas. Vivenciam-no em profundidade, ao ponto de transmutar seus passados pessoais: a força da experiência presente alterando as lembranças do passado. É o princípio da rememoração benjaminiana. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

A verdade do que é lembrado no presente será tanto mais forte quanto maior o traço emotivo associado à lembrança. O passado ressuscita na abertura que o presente apresenta, no rasgo da consciência do sujeito que vive a experiência do momento. O presente, assim, ilumina o passado. Nesse instante, passado e presente se confundem, e se alteram. Instala-se um princípio de alteridade (não de conti-

nuidade) entre os tempos: o presente é o outro do ser passado, e vice e versa. O que aconteceu deixa de fundar a narrativa porque todo acontecimento está a acontecer, reverberando sobre si mesmo um princípio de ação que é incerto.

[...] tectos de rosas de estuque, pirâmides de folhas, as portadas da varanda que não lográvamos fechar, golpeei o sujeito de chapéu ou o bêbedo mascarado de mulher que me troçava da taberna, um espantalho assimétrico desmoronou no talude o seu fato vazio enquanto uma tosse molhada, enquanto a boca

- Eh

enquanto o senhor bispo, enquanto o comandante, enquanto o general

- Eh

no compartimento onde desmanchavam a feira antes da vinda do exército, se eu não for para Espinho, se não me derem o café, se não tivermos tempo de abandonar a vivenda, esconder o carro na vereda de silvas, premir o detonador no pinhal, o sujeito de chapéu sentado nos chorões a fitar-me, os guardas espanhóis a prenderem-me os braços, a afastarem-me do meu pai, a empurrarem-me, o meu namorado a tirar-me a metralhadora

- Estás doida?

caras que apareciam e desapareciam no armazém, o cigarro da viúva entre a mesa e os lábios, os presépios do Cordeiro iluminados, a surda a abençoar-me num sorriso, a afilhada do senhor bispo a mirá-las a ambas e a mirar-me a seguir como se entendesse por fim

- Vocês aí

a minha mãe amarrava-me a toalha ao pescoço, aproximava-se com a sopa de cenoura e a colher, tentei explicar ao meu

namorado que não era doente, não era inválida, podia falar conforme as pessoas falam, nunca roubei dinheiro a ninguém, não descia aos esgotos a fumar e a contar moedas mas a minha boca não conseguia, os sons paralisavam-se, não sentia as gengivas, não me sentia a mim, graças a Deus uma frase completa formou-se devagar ecoando sílabas, o olho intacto desorbitava-se a conservá-la, a mantê-la nítida, a aperfeiçoá-la, ajudando-a a não submergir em restos de discursos, estilhaços de recordações, gestos imóveis, talvez meus, flutuando sem ordem, rostos muito antigos, familiares e estranhos

não, familiares

não, estranhos

não, familiares (ANTUNES, 1999, p. 276-277).

Os acontecimentos estão no mesmo lapso de tempo: o agora. Confundem-se porque se equivalem, substituem-se, tensionam-se. Nesse forçar os fatos, produz-se (e se tem acesso a) o acontecer em estado puro, o fato aberto, a jorrar intempestivamente no fluxo sígnico das palavras em devir. Os fatos são inconclusos, abertos, em espiral, não linear, “flutuando sem ordem”.

Essa abertura, em verdade, desestabiliza toda noção de estrutura de texto, de tempo e espaço narrativo, de representação. Está-se a perseguir o acontecimento. A inverdade da memória é a origem desse processo. Os “gestos imóveis” como cenas do pas-

sado reconstruído, retomado, não se sustentam na narrativa de *Exortação* porque seus limites estáticos são desfeitos com a fragilidade da lembrança enquanto estilhaço; abrem-se neles linhas de fuga do certo que aconteceu que tocam no que deveria ter acontecido e no que poderia acontecer. Um fato cria o outro. É um brotar espontâneo que condiciona o narrar. São sintagmas nominais e orações coordenadas que se justapõem a períodos simples, incisivos, vibrantes, num frenesi verbal que liquidifica toda imagem que principiava a formar-se. As quase-imagens da memória surgem e, imediatamente, esvaem-se em incertezas da lembrança, confundindo-se com outras lembranças em resto que surgem e se desfazem. Presente e passado se confundem na força do instante criador.

A ficção cria sua verdade, pautada no mistério dos não-fatos, sendo “uma experiência que, ilusória ou não, aparece como meio de descoberta e de um esforço, não para expressar o que sabemos, mas para sentir o que não sabemos” (BLANCHOT, 1997, p. 81). A associação livre das palavras e das lembranças revela a condição dessa

escritura: não há pensamento. A falência da linguagem e a impossível representação do passado são resultantes da ausência de pensamento enquanto consciência, ou seja, enquanto instância elaborada racionalmente que ajusta o desejo irrepresentável a uma expressão estruturada e inteligível. Não é isso o que pulsa no texto de Lobo Antunes. O que está aí é o desejo em potência, uma dinâmica de sensações a interpenetrarem-se e, assim, a criar a escrita instintiva, a que não tem expressão, a que não representa, mas apresenta, com a força do desejo, a realidade interior das subjetividades fragilizadas pelos traumas re-vividos. E o trauma não tem passado (Cf. FREUD, 1974). A escritura literária (poética) também não³. Estabelece-se assim um discurso em devir, que fala no trânsito das temporalidades da língua e da memória. É sempre limiar. Dizer o indizível: a estratégia da linguagem é circular nela mesma.

Construir uma frase completa, reveladora de uma certeza do que se pensa, o que aponta para alguma compreensão

³ Conforme propõe Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (1988), ao destacar o caráter inaugural do instante criador da poesia.

de si e da realidade, estabelecer sentido, é um milagre — “graças a Deus”. Mas isso não dura:

[...] enxergava a minha mãe, a Gisélia, o anel do senhor bispo na dispensa, o meu namorado e o sujeito de chapéu a fitarem-me na camioneta, os guardas espanhóis empilharam o último caixote e designavam-me com o dedo, lembro-me de palavras que assim juntas, umas a seguir às outras, embora dispostas numa sequência que me parecia correcta não possuíam sentido, compreendia cada uma e não as compreendia agrupadas visto cavalgarem-se, misturarem-se, anularem-se ao passo que a minha frase ali estava pronta a exprimir-se, óbvia, exaltante, nítida, ordenando o mundo, trouxe-a devagarinho com a língua até ao vértice da boca sem que nada saísse do lugar, os ditongos firmes, as vogais correctas, o nexos sem uma única falha, uma frase melhor, mais bonita, mais ampla que todas as frases que consegui até hoje, não existiam dúvidas, segredos, mistérios, tudo simultaneamente tão profundo e tão simples, o que do meu corpo não era meu tornou a pertencer-me, não necessito que me alimentem, me levantem, me deem, me mudem a roupa às terças-feiras, me vigiem o sono, receiem que morra, descansem que não vou morrer, me passem de manhã uma esponja na cara, os ombros simétricos, os olhos iguais, as mãos da mesma idade, eu idêntica a mim na

camioneta em Alcântara, voltei-me para a janela decidida a oferecer-lhes a razão, o motivo, a explicação verdadeira, apoiei o nariz ou a testa, a testa, notava-se que era a testa, no caixilho a fim de me escutarem melhor, a testa a pedir

- Oiçam

a aconselhar

- Oiçam

a advertir com segurança

- Ides finalmente saber

nenhuma saliva a embaraçar-me, nenhum músculo a trair-me, nenhum dente que me proibisse, os guardas espanhóis e o meu namorado à espera, reverentes, tive a impressão de que alguém

(o sujeito do chapéu sempre a palpar a nuca?)

comentava

- Está doida

e não era o sujeito do chapéu, era uma brincadeira do vento nas casas, essas manias do vento que as paredes deformam de modo que limpei a garganta, estendi o pescoço, comprimi a língua nas gengivas, senti que o pedaço de um pedaço se imobilizava e murchava, nada de importante, o pedaço de um pedaço, a frase inteira, completa, sem falhas, elucidando o mundo, ultrapassou os lábios e o fragmento murcho no instante em que desciam o vidro

- Eh

exatamente o que pretendia comunicar-lhes, o que pretendia esclarecer

- Eh

só Deus sabe o que me custou falar tanto, ser-lhes tão generosa, tão útil

- Eh

e então pude dar-me a recompensa de alastrar no banco, me despir de ossos, colocar uma sobre a outra as mãos desiguais à medida que tudo se calava no interior de mim e a minha mulher e a minha filha abandonavam a sala até não sobrar mais que o carrinho do chá (ANTUNES, 1999, p. 278-279).

O resto que comunica, que esclarece, é toda a possibilidade da fala. “Eh” é um ruído, um balbucio, uma negação da palavra. E é tudo que se consegue dizer. Todo o discurso inteligível, racional, que pretende estabelecer uma verdade, uma ciência, “ordenar o mundo”, falha, não se sustenta. A grande fala lúcida e firme, sem “dúvidas, segredos, mistérios”, efetiva-se em um profundo desastre. O que se tenta ordenar é a fala que representa o mundo, uma expressão deste; projeto desde o princípio condenado ao fracasso, dado que a realizar-se por um ser que não se afirma, que não tem certeza de si: o

pai com trombose se confunde com a filha – esta também desfigurada e desajustada pelas experiências traumáticas da infância e da vida adulta como guerrilheira do partido comunista. As subjetividades em pedaços da filha e do pai confundem-se, são incertas, desordenadas. Uma frase lógica e ordenadora é impossível. O que é possível é uma fala sem lógica, sem pensamento, a fala do desejo frustrado.

“Eh” é resultado e, ao mesmo tempo, anúncio: um esgotamento da possibilidade da fala e uma tentativa da mesma. Ficamos a esperar um dizer. “Eh” coloca a linguagem em seu momento de origem, em que há um prenúncio no caos instaurado. Anuncia-se algo na desordem e na falta. Esse algo é incerto, e nunca se saberá dele, mas pode-se senti-lo todo no momento em que se apresenta.

Sem dúvida a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involontaire* são imagens visuais ainda em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença. Mas por isso mesmo, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais

íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual o momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador (BENJAMIN, 1994, p. 48-49)

Pode-se sentir a profunda falha, o fracasso da imagem e da linguagem inscritos no “Eh”. A indefinição das imagens fundada na densidade do discurso potencialmente incomunicável é o que permite a fala da *Exortação* em quatro vozes. As lembranças surgem, invadem a subjetividade em ruínas, estabelecem uma dinâmica de interpenetração dos resíduos mnemônicos eivados de erotismo – substância das experiências traumáticas – que enchem o ser abrindo os limites deste, criando linhas de fuga de qualquer limite, o que impossibilita a estruturação, a organização do pensamento, da realidade e da linguagem. No fim, é esta que fala, desestruturando e anunciando o que se fica a esperar infinitamente.

As mulheres estão (inconscientemente?) à procura de uma redenção. O passado lhes vem para participar delas, reconstituí-las, refazê-las e refazer-se

nelas. E encontra na precariedade-potência do signo linguístico a abertura para balançar-se entre o dizer e o ocultar, entre o presente e o passado, entre a lembrança e o esquecimento. Por isso elas falam, falam até que falham. O esboço de pessoa que são não sustenta o discurso: gaguejam, não sabem, não lembram, não terminam a frase, o pensamento falha. São subjetividades frágeis que vibram em uma linguagem estranha e insuficiente. Por isso a tentativa de rememorar o vivido no sentido de resgatar o passado é desde o princípio impossível. É o movimento de tecer a memória que revela a possibilidade de falar do passado. Fazer o passado é *uma* maneira de tê-lo, e, conseqüentemente, de ter a si próprio.

As mulheres estão à procura de si mesmas. Ter o seu passado lhes daria um presente, um si-mesmo. Elas não se governam, não são capazes de conduzir suas vidas porque são incapazes de se relacionarem consigo próprias e com seu meio. São providas de um impoder. Estão sempre sob a custódia de um outro que lhes manipula o tempo todo em todos os tempos. Através da memória, esses manipuladores governam as vidas dessas mulheres. O tio abusador, o padrinho pervertido, o namorado

miserável, o general, perpetuam-se a apoderar-se delas. São subjugadas pela força da reminiscência revivida e presentificada que se atualiza como uma “lei de verdade”, uma forma de poder que se impõe às suas vidas.

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjugua e torna sujeito a (FOUCAULT, 2010, p. 278).

A lembrança determina a persona das mulheres ao tornarem-nas subjetividades incertas e sujeitas à força da lembrança traumática. Elas são condicionadas pela memória. Suas identidades não passam de meras sujeições à força das reminiscências. Não conseguem ser mais que isso. Suas ações, inclusive, são condicionadas pelo poder da lembrança, pois o poder se exerce, como destaca Foucault (2010, p. 243), como “um con-

junto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos”. São os sujeitos do trauma, da guerra, em que o governo de si desmorona no indivíduo neurótico e esquizofrênico que impossibilita uma sociedade, um discurso, uma frase em ordem.

Uma escritura da desordem, porque coloca em texto a desordem da subjetividade contemporânea, sujeita à força da reminiscência, condicionada pela precariedade do rastro, traduzida em linguagem insuficiente.

Falando sobre a obra de Proust, Benjamin (1994, p. 37) diz: “Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”. E conclui que

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação (BENJAMIN, 1994, p. 37).

O texto de Lobo Antunes é um tecido denso e instável. A sequência de palavras ilimitada é decorrente do acontecimento, que é lembrado, fugindo, com isso, das amarras da representação do vivido na realidade. O que é dito apresenta-se e não representa. Cada fala é inaugural, um novo presente e um novo passado. Uma narrativa que circula numa espiral vista de cima, ou seja, muda sem mudar, o ato puro, deixando o ato narrativo a acontecer sem cessar, pois, afinal, “No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriadados, que são os dias da reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p. 230).

Reminiscência é rastro⁴, é resto, vestígio. Pensar um “rigor” da reminiscência é aproximar-se da instabilidade da linguagem do romance antuniano. O que temos são pistas do que aconteceu. E pistas não intencionais. As reminiscências são indícios deixados sem intenção prévia. Fruto do acaso e da negligência, elas simplesmente acontecem,

4 Aqui nos termos de Emmanuel Lévinas (1993, p. 84): “O rastro autêntico [...] decompõe a ordem do mundo; vem como em ‘sobre-impressão’. Sua significância original desenha-se na marca impressa que deixa, por exemplo, aquele que quis apagar seus rastros, no cuidado de realizar um crime perfeito. Aquele que deixou rastros ao querer apagá-los, nada quis dizer nem fazer pelos rastros que deixou. Ele decompôs a ordem de forma irreparável”.

invadem a consciência fraturada das subjetividades desestruturadas pelos traumas. Denunciam uma presença ausente e anunciam uma ausência presente. Nesse entre elas vibram, pulsam entre as palavras que tentam agarrá-las e acomodá-las em suas estruturas linguísticas. Mas as lembranças escapam, tem a selvageria da experiência de choque, explodem os limites, vazam pelo discurso que se torna inapreensível, denso e indefinido. O fio de Ariadne é rompido, como as migalhas espalhadas que garantiam o caminho seguro são dissipadas pela força do tornado- memória do sujeito fraturado pelos traumas vividos. A memória desse sujeito está em ação permanente: fazendo, desfazendo, refazendo o que acontece(u), involuntariamente, ela desprovê a consciência de qualquer segurança de si e de toda capacidade de organização do mundo.

É a tessitura do acontecer que promove o texto literário. Em *Exortação aos crocodilos*, a dinâmica entre a lembrança, o esquecimento e a palavra vai cosendo e desfazendo o bordado imperfeito da história. “o mesmo dia” aponta para essa circularidade em que se faz a

narrativa: é o mesmo presente a inaugurar o mesmo passado novo uma vez mais.

A memória fala na falha. O que ela pode dizer de mais autêntico é do domínio do não-representável. Essa autenticidade confere à memória uma potência criadora. Ela sai de sua condição depositária, passiva e inativa, para um estado de elemento que institui possibilidades de ações, de interpretações e de sensações. As lembranças das experiências de choque são fundadas no desejo que impulsiona ações instintivas, fora do cerceamento da razão. A espontaneidade delas rompe os limites da representação, desfazendo as imagens da memória – que dariam a certeza do que é lembrado – em reminiscências que são rastros, lampejos incertos do acontecido. Nesse movimento de negatividade e luminosidade tem-se o momento limiar em que se estabelece a possibilidade da criação. O que se cria é uma abertura do acontecimento, em que este é percebido em sua dinâmica de construção. O que aconteceu é impossível de ser representado ou definido porque ele, novamente, acontece, no relato que está vivo, inapreensível.

A narrativa do acontecimento vibra em linguagem criadora, um discurso volátil, nutrido pelas sensações do agora que engloba presente e passado. Nessa narrativa, está-se a viver de novo o ocorrido, e, ao mesmo tempo, reelabora-se o acontecido (e o sujeito que testemunha), que continua a acontecer na linguagem essencialmente intempestiva.

A memória falha na fala. Na tentativa de evocar o inapreensível – o passado vivido –, a fala da memória circula na abertura que a incerteza do sujeito promove em relação a si e ao que, de fato, aconteceu. As palavras são pedaços de um querer-dizer essencial que não se dá. Respondem apenas à intenção originária, às sensações obscu-

ras do indivíduo, que são puro desejo, irrepresentável, impalavreável. Ficamos no movimento em que um signo remete a um outro signo, sem nunca remeter a um significado preciso, a algum referencial seguro. É a condição do instante inaugural, fala que está sempre começando, está por dizer, por isso tateante, redundante, despedaçada, caótica, e anunciadora do que nunca chega. É a condição da Poesia: essa linguagem de memória em rastro é potencialmente a linguagem da Poesia. Esta que também se faz no agora que continua a acontecer e na abertura do signo rachado pela força do desejo criador da subjetividade em ruínas do indivíduo que está a (des)fazer-se infinitamente.

Referências

ANTUNES, António Lobo. *Exortação aos crocodilos*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. *Bachelard* – textos escolhidos. 3. ed. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril, 1988. (Coleção Os pensadores).

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Obras Escolhidas, v.1).

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs* – capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 2.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. 2. ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 269-282.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: _____. *Freud* – textos escolhidos. Tradução de Durval Marcondes, J. Barbosa e Jayme Salomão. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção Os pensadores). Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/cincolicoespsicanalise.html>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução de Pergentino Pivato. Petrópolis: Vozes, 1993.

MELVILLE, Henry. *Bartleby, o escrivão*. Tradução de Gil de Carvalho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.